

## Fausto, o pacto com o diabo e o arrependimento como salvação



O Doutor Fausto é um personagem alemão, mitológico e literário. Alguns

sustentam que existiu, teria vivido no fim da Idade Média. Teria feito um pacto com o demônio (Mefistófeles), que lhe ofereceu conhecimento por servidão, vida eterna por sujeição, amor por rendição. Fausto aceitou a oferta. Pagará o preço pela incauta decisão.

Em sua forma mais erudita e exuberante, Fausto é desvendado na obra de Goethe (1749-1832), o mais emblemático dos poetas alemães, ao lado do não menos sedutor Friedrich von Schiller (1759-1805). Ambos protagonizaram a fase radical do romantismo teutônico, que os autores de manuais de literatura denominam de *Sturm und Drang*, o que nos remete às sensações de *tempestade e impulso*, tal como às vezes sentimos quando ouvimos Mozart e Haydn.

O *Fausto*, de Goethe, é dividido em duas partes[1]. A primeira delas foi concluída em 1808; a segunda, em 1832. Goethe dedicou 60 anos à composição dessa obra sediciosa. Assim como a descrição do inferno em Dante é mais aliciante do que a descrição do céu ou do purgatório, a primeira parte do *Fausto* é mais intrigante do que a segunda. É dessa primeira parte que trato. O radicalismo romântico está em seu zênite. A tragédia, em forma de poema, é de tirar o fôlego.

Descrevo o enredo. Mefistófeles visita Deus no céu. Ao lado dos arcanjos Rafael, Miguel e Gabriel (arcanjos são anjos principais, de hierarquia mais elevada), discutem a infelicidade que marca a experiência humana. Para Mefistófeles, a inteligência e a razão pouco valem; a razão, ao fim, faz apenas com que sejamos mais brutos (*Viveria ele [o homem] se da celeste luz não tivesse o raio que lhe deste; de razão dá-lhe o nome, e a usa, afinal, para ser feroz mais que todo animal*[2]). Mefistófeles simboliza o mal e, alegoricamente, invoca a serpente, que tem como *ilustra prima*[3]. O problema original está descrito no livro de *Gênesis*.

Goethe adiantou-se ao pensamento dos filósofos da Escola de Frankfurt, especialmente Horkheimer e Adorno, para os quais o esclarecimento é uma forma de ilusão, instrumento da astúcia, para quem trabalha a razão[4]. Nosso desespero, prossegue Goethe, decorre do fato de que desconhecemos os

---

segredos da vida. É esse desespero que atormenta Fausto (*Não julgo algo saber direito, que leve aos homens uma luz que seja edificante e benfazeja*[5]), cansado da sabedoria livresca (*opresso pela livralhada, que as traças roem, que cobre a poeira, que se amontoa, embolorada*)[6]. Há algo fora dos livros. Descartes recomendava que lêssemos o livro do mundo.

Ao longo da discussão no céu, Deus lembrou o nome do Doutor Fausto, a quem reputava comprometido servidor. Mefistófeles sugeriu uma aposta, afirmando que seduziria Fausto, desviando-o do bom caminho. Fausto contava com cerca de 50 anos. Doutorou-se em Filosofia, Medicina, Direito e Teologia. Estudava magia, queria ir além do que se conhecia, e duvidava que alguém que decorasse uma enciclopédia todo o conhecimento deteria. Suas inquietações transcendiam a premissa de que toda pessoa racional questiona periodicamente suas metas e motivos e as crenças que os sustentam[7].

Fausto e Mefistófeles se encontraram num domingo de Páscoa. Uma coisa é chamar os espíritos; outra, é quando eles vêm... A Fausto foi oferecida uma vida eterna, rica em prazeres. Fausto recusou, os deleites da terra não eram suficientes para contentá-lo. Buscava conhecimento. Ajustaram um acordo. Mefistófeles seria servo de Fausto na Terra. Porém, se numa única vez Fausto admitisse um prazer terreno que pensasse em viver indefinidamente, então morreria e seria servo de Mefistófeles no inferno. O contrato foi firmado com o sangue de Fausto. Os pactos devem ser cumpridos (*pacta sunt servanda*), a menos que as condições originárias se alterem (*rebus sic stantibus*), como se diz na tipologia clássica do Direito romano.

Fausto conheceu Gretchen, por quem se apaixonou. Honesta, ingênua e piedosa, Gretchen recusou as investidas do sofisticado sedutor. Determinado a conquistá-la, Fausto recorreu a Mefistófeles. Com uma poção mágica, Fausto adormeceu a mãe de Gretchen. Sob baixa vigilância, Gretchen cedeu a Fausto (*fugiu-me a paz do coração; já não a encontro, procuro-a em vão*[8]), que cruelmente a deixou na manhã seguinte. Fausto e Mefistófeles seguiram para novas emoções e aventuras. Mais tarde, Gretchen descobriu que estava grávida; esperava uma criança de Fausto. O irmão e a mãe de Gretchen morrem. Numa orgia ocorrida num festival de bruxas, um fantasma diz a Fausto que Gretchen está encarcerada, acusada de ser responsável pela morte da mãe e do irmão, bem como da criança, que sufocou quando nasceu. Fausto insiste com Mefistófeles para que corram para salvar Gretchen. A força estava preparada para a execução da infeliz mulher. No encontro ocorrido na cadeia, Gretchen mostrou-se louca e fora de controle. Fausto quer levá-la. Ela resistiu. Executada, um anjo anunciou que sua alma fora salva.

O Mefistófeles de Goethe é ambivalente; no caminho da maldade, acaba conduzindo Fausto para o lado oposto. Mefistófeles reconhecia essa imprecisão, dizendo-se (...) *parte da energia que sempre o mal pretende e que o bem sempre cria*[9]. Escravizou Fausto, que reconheceu a situação, justificando os meios pelos fins, como o diplomata florentino cujo sobrenome virou adjetivo. Fausto admitiu que não se comprometeu em vão e que de qualquer forma era escravo, de Mefistófeles, ou de qualquer outro[10]. Viver é uma forma de sujeição, sempre há alguém ou algo que nos oprime. O problema é qualitativo, e não quantitativo.

Fausto simboliza a soberba da busca do poder pelo conhecimento (*quero ficar muito erudito, perceber tudo o que há na terra, e tudo o que no céu se encerra, natureza e ciência, ao infinito*)[11], que sucumbe ao desejo do objeto amado (*traze-me algo do anjo formoso! Traze-me um lenço de seu seio, um laço ao meu ardente anseio!*[12]). Indignado consigo mesmo, Fausto arrependeu-se do pacto, ao conhecer o sofrimento da moça enfeitada, caída na *desventura, em desespero, miseravelmente errante sobre a terra e finalmente prisioneira, entregue a sofrimentos cruéis, a meiga, infausta criatura*[13]

---

---

. Era tarde. As condições originárias do pacto, no entanto, se alteraram.

Nos iludimos quando pensamos que tudo podemos saber. Só que, talvez, apenas sabemos que de nada sabemos, como provocava o filósofo grego marido de Xantipa, que perambulava pelas ruas de Atenas. Os desvios de conduta provocam uma maldição em forma de tragédia, cujo resgate consiste em suportamos a dor, lidando com tudo o que sentimos, e com o que fazemos com as pessoas com as quais convivemos. É nesse momento que vale a redenção de algum arrependimento, que se reverte na compreensão da entrega humana em favor do outro, sem que exijamos nada em troca. Isso é para poucos. Para os santos talvez. Alguns chamam de amor. E foi o amor que redimiu Fausto do pacto com o mal. Romantismo, até a medula. Simples assim.

[1] Há várias traduções para o português, a exemplo dos textos de Silvio Meira, Christine Röhrig e de Jenny Klabin Segall. Conferir *Fausto: Uma Tragédia – Primeira Parte*. Tradução de Jenny Klabin Segall; apresentação, comentário e notas de Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo: 34, 2007. Edição bilíngue alemão-português traduzida de Faust. *Der Tragödie erster Teil ou Faust I*. Na composição do presente ensaio, utilizo, e cito, a edição da Itatiaia. *Fausto*, Goethe, tradução de Jenny Klabin Segall, Belo Horizonte: Itatiaia, 2002.

[2] GOETHE, *Fausto*, cit., p. 36.

[3] GOETHE, *Fausto*, cit., p. 38.

[4] Conferir HORKHEIMER, Max e ADORNO, Theodor W., *Dialectic of Enlightenment*, New York: Continuum, 2001. Tradução do alemão para o inglês de John Clumming.

[5] GOETHE, *Fausto*, cit., p. 41.

[6] GOETHE, *Fausto*, cit., p. 42.

[7] Essa questão foi problematizada por Nicholas Fearn no já clássico *How to Think as a Philosopher*, London: Atlantic Books, 2001.

[8] GOETHE, *Fausto*, cit., p. 156.

[9] GOETHE, *Fausto*, cit., p. 71.

[10] Cf. GOETHE, *Fausto*, cit., p. 83.

[11] GOETHE, *Fausto*, cit., p. 89.

[12] GOETHE, *Fausto*, cit., p. 89

[13] GOETHE, *Fausto*, cit., p. 194.

## Date Created

28/01/2018